

Cartografias,
imagens e outras
expressões gráficas

revista

Geo 
USP

espaço e tempo

Volume 22 • nº 2 (2018)

ISSN 2179-0892

Retratos da violência no Brasil

Hervé Théry
CNRS-Creda
PPGH-USP

p. 457-465

Como citar este artigo:

THÉRY, H. Retratos da violência no Brasil. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 2, p. 457-465, mês. 2018. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/133702>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.133702>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

Retratos da violência no Brasil

Resumo

O *Atlas da Violência 2017*, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), analisa homicídios no Brasil de 2005 a 2015, as fontes usadas tendo sido principalmente os dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde. O *Atlas* compila e comenta muita informação estatística, mas oferece poucos mapas. Entretanto, como está disponível *on-line* gratuitamente em formato PDF, foi possível extrair os dados e mapeá-los de maneira mais completa.

Palavras-chave: Violência. Homicídios. Vítimas. Estatística. Cartografia.

Portraits of violence in Brazil

Abstract

The *Atlas of Violence 2017*, published by the Institute of Applied Economic Research (Ipea), analyzes the homicides in Brazil from 2005 to 2015, the sources used being mainly data from the Mortality Information System (SIM) of the Ministry of Health. The *Atlas* compiles and comments a lot of statistical information, but offers few maps. As it is available online (free) in PDF format, it was possible to extract the data and map them more completely.

Keywords: Violence. Homicides. Victims. Statistics. Cartography.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) lançou em junho o *Atlas da Violência 2017*, produzido em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O trabalho, que analisou homicídios no Brasil, foi apresentado em seu *site* (Atlas [...], 2017). As fontes usadas para o trabalho foram os dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, referentes ao intervalo de 2005 a 2015, e informações dos registros policiais publicadas no 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do FBSP.

O *Atlas* compila e comenta muita informação estatística, mas oferece poucos mapas, sobretudo na escala do Brasil por estado. Essa falta de mapas não é nova: o problema da violência tem sido pouco trabalhado com linguagens próprias para a representação de processos, eventos e fenômenos relativos ao tipo de organização do espaço geográfico no Brasil, quando um tratamento adequado da questão deveria envolver análises territoriais com suporte na cartografia. Porém, como o *Atlas* está disponível *on-line* e gratuitamente (Cerqueira, 2017), foi possível extrair os dados e mapeá-los de maneira mais completa. Uma análise mais completa do fenômeno da violência no país deveria apoiar-se em textos importantes publicados tanto na França como no Brasil (Besson, 2005; Marzano, 2011; Batista, N., 1990; Batista, V., 2015), mas no âmbito desta rubrica o presente trabalho se restringirá à aplicação do método analítico-dedutivo para interpretar os mapas.

Os dados

Os dados compilados pelo *Atlas* são apavorantes. Em 2015, o Brasil registrou 59.080 homicídios, quando em 2005 haviam sido 48.136, um aumento de 22,7%. Ou seja, em 2015, houve 160 mortes violentas por dia, o equivalente ao número de passageiros de um Airbus A320 ou de um Boeing 727-100: imagine-se a consternação e as reações no país se um desses aviões caísse todos os dias, matando todos os seus passageiros...

O estudo analisa os números absolutos e as taxas de homicídios por 100 mil habitantes (escala internacionalmente reconhecida para comparações) entre 2005 e 2015. No Brasil, são 28,9 mortes a cada 100 mil habitantes, e o *Atlas* detalha os dados por região, unidade da federação e município com mais de 100 mil habitantes. Nota-se que 2% dos municípios brasileiros (111) respondiam, em 2015, por metade dos casos de homicídio no país, e 10% dos municípios (557) concentraram 76,5% do total de mortes.

As unidades da federação que apresentaram crescimento superior a 100% nas taxas de homicídio no período analisado estão nas regiões Norte e Nordeste, destacando-se o Rio Grande do Norte, com um aumento de 232% (44,9 em 2015 contra 13,5 em 2005). Seguem-se Sergipe (134,7%) e Maranhão (130,5%). Felizmente, existem também evoluções mais favoráveis: Pernambuco e Espírito Santo reduziram sua taxa de homicídio em 20% e 21,5%, mas as reduções mais significativas foram em estados do Sudeste: em São Paulo, a taxa caiu 44,3% (de 21,9 para 12,2) e no Rio de Janeiro, 36,4% (de 48,2 para 30,6).

Municípios mais e menos violentos

A análise isolada das taxas de homicídio pode ocultar o verdadeiro nível de agressão letal por terceiros em um município. Exemplo disso é Barreiras (BA), onde foi registrado apenas um homicídio em 2015. Isso colocaria a cidade entre as mais pacíficas do país. No entanto, ocorreram também em Barreiras, naquele ano, 119 mortes violentas por causa indeterminada (MVCI), uma taxa de 77,3 por 100 mil habitantes, o que leva o município à relação dos mais violentos.

Por isso, para listar os municípios potencialmente mais e menos violentos do Brasil em 2015, o estudo considerou conjuntamente as mortes por agressão (homicídio) e as mortes violentas por causa indeterminada (MVCI): Altamira, no Pará, lidera então a relação dos municípios mais violentos, com uma taxa de homicídio somada a MVCI de 107. Em seguida, vêm Lauro de Freitas, na Bahia (97,7), Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe (96,4), São José de Ribamar, no Maranhão (96,4) e Simões Filho, também na Bahia (92,3). Ao todo, as regiões Norte e Nordeste somam 22 municípios no *ranking* dos 30 mais violentos em 2015 e entre os 30 mais pacíficos, 24 são municípios da região Sudeste. No entanto, os dois primeiros da lista ficam em Santa Catarina: Jaraguá do Sul (3,7) e Brusque (4,1). Em seguida, aparecem Americana (4,8) e Jajú (6,3), ambos em São Paulo, Araxá, em Minas Gerais (6,8), e Botucatu (7,2), também em São Paulo.

Mapa 1 – Infográfico do Atlas da violência 2017



Fonte: Atlas [...] (2017).

Perfil das vítimas

As vítimas são principalmente jovens entre 15 e 29 anos: mais de 318 mil deles foram assassinados no Brasil entre 2005 e 2015. Apenas em 2015, foram 31.264 homicídios de pessoas dessa idade. No que diz respeito às unidades da federação, aparece uma grande disparidade: enquanto em São Paulo houve uma redução de 49,4% nesses onze anos, no Rio Grande do Norte, a taxa de homicídio de jovens aumentou 292,3%.

Os homens jovens continuam sendo as principais vítimas, representam mais de 92% dos homicídios. Em Alagoas e Sergipe, as taxas de homicídio de homens jovens atingiram, respectivamente, 233 e 230,4 mortes por 100 mil em 2015.

De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas, os negros têm chances 23,5% maiores de ser assassinados do que brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência.

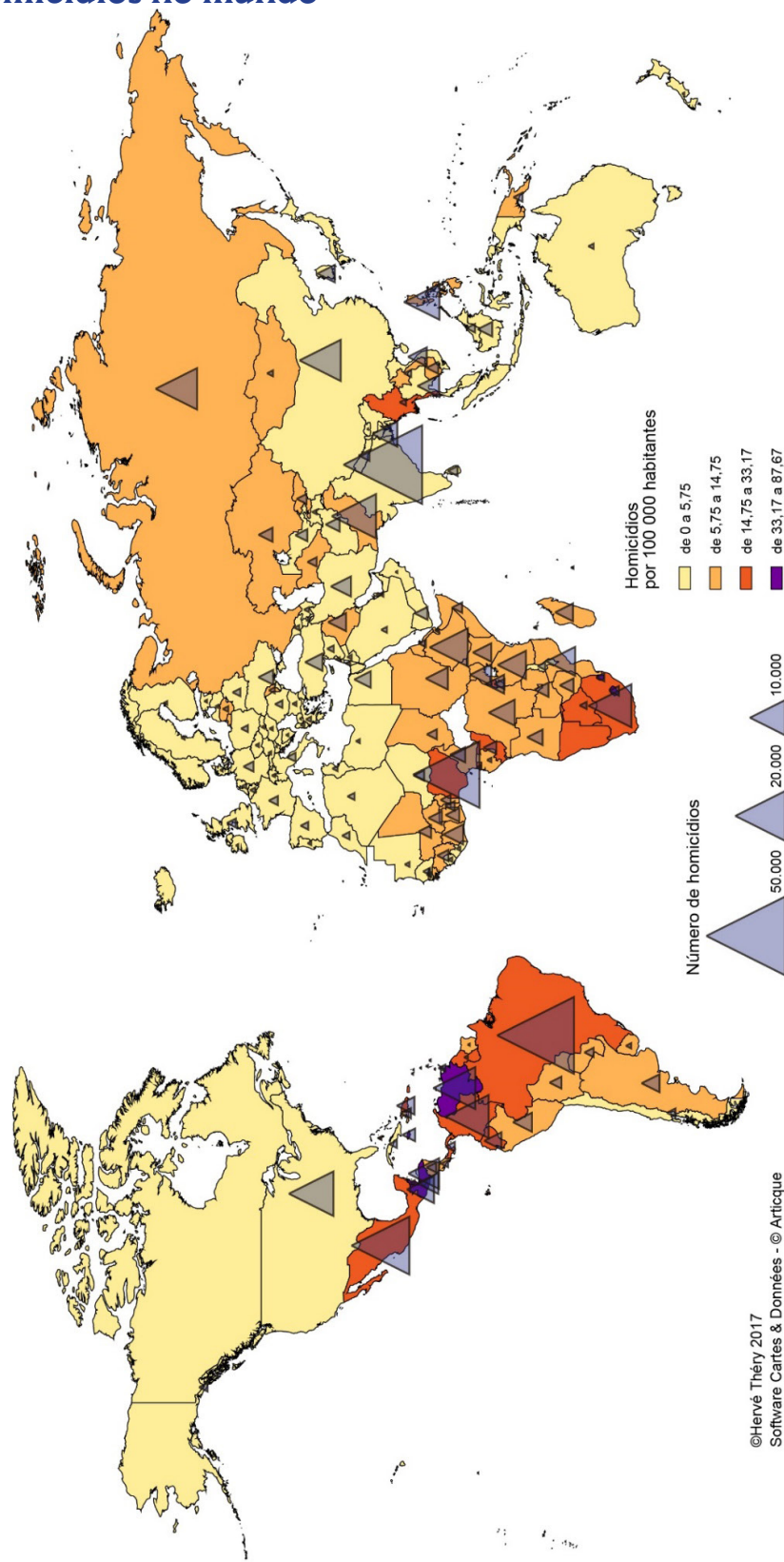
Os dados sobre mortes decorrentes de intervenção policial apresentam duas variações: as analisadas por números do SIM na categoria “intervenções legais e operações de guerra” (942) e os números reunidos pelo FBSP (3.320) em todo o país. Os estados que mais registraram homicídios desse tipo pelo SIM em 2015 foram Rio de Janeiro (281), São Paulo (277) e Bahia (225). Pelos dados do FBSP, foram registrados em São Paulo 848 mortes decorrentes de intervenção policial, 645 no Rio de Janeiro 645 e 299 na Bahia”.

Os mapas

Para complementar o trabalho realizado pelo Ipea e pelo FBSP, pode-se primeiro colocá-lo no contexto global. Deve-se notar que, quanto aos homicídios, o Brasil tem um das piores situação entre os países do mundo, de acordo com o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime. Para o último ano disponível em suas estatísticas globais (2013) ele estava (com um pouco mais de 40 mil mortes), praticamente empatado com a Índia (que tem uma população seis vezes maior), mas à frente de México, Etiópia, Indonésia, Nigéria e África do Sul. No entanto, ao calcular o número de homicídios por 100 mil habitantes, ele estava em 2014 no 10º lugar, com uma taxa de 24,6 homicídios por 100 mil habitantes, atrás de Honduras (74,6), El

Salvador (64,2), Venezuela (62), África do Sul (33) e Colômbia (27,9). Porém, ao todo, mais pessoas morrem assassinadas no Brasil do que em países em guerra: na Síria 256 mil pessoas morreram em quatro anos, e no Brasil cerca de 279 mil...

Mapa 2 – Homicídios no mundo



fonte: La Banque Mondiale (2015).

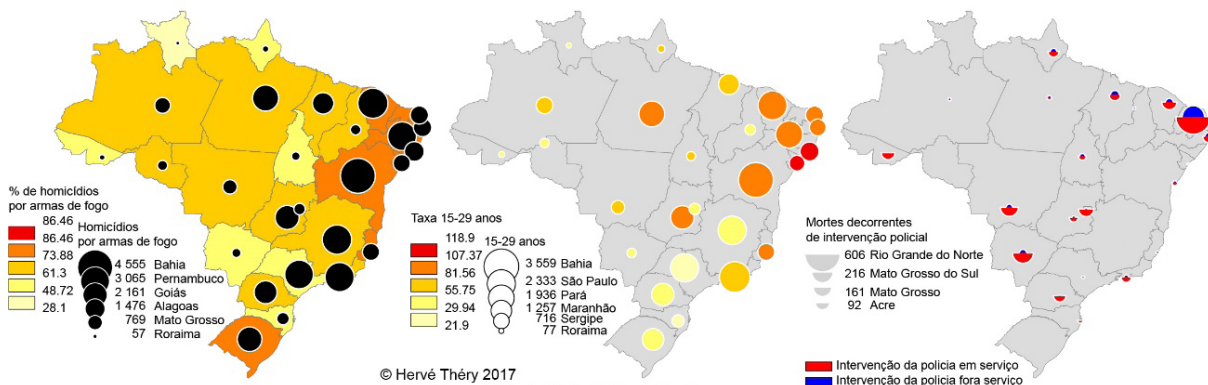
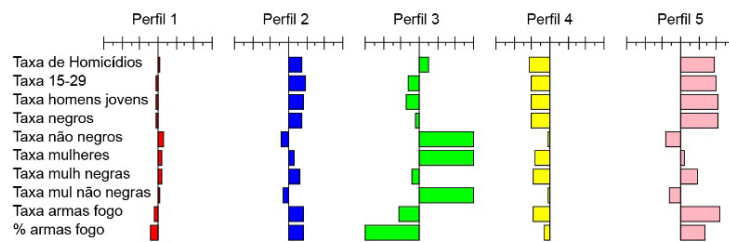
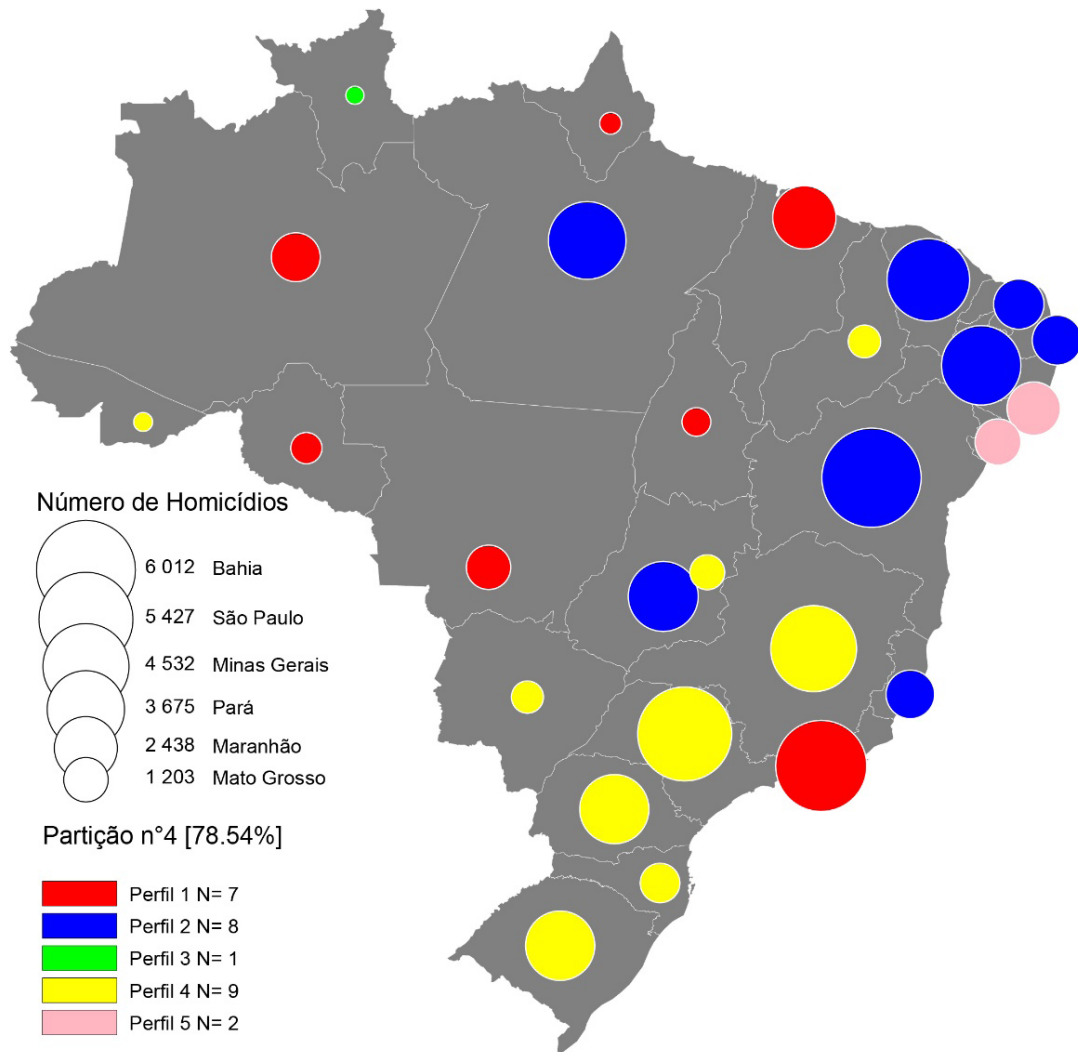
THÉRY, H.

A partir dos dados publicados na escala estadual pelo Ipea, foram elaborados três mapas analíticos e um sintético (Mapa 3). Os analíticos mostram a alta proporção das mortes causadas por armas de fogo e dos jovens no total dos homicídios, especialmente no Nordeste, e uma das suas causas mais preocupantes, as mortes decorrentes de intervenção policial (em serviço ou fora do serviço), que destaca o caso do Rio Grande do Norte.

O mapa sintético, criado pela técnica da classificação ascendente hierárquica (mais conhecida como análise de *clusters*), agrupa os estados em função de uma série de critérios constantes nas tabelas do *Atlas*. Essa análise produziu cinco perfis, cada um deles caracterizado pelo fato de que o grupo está acima da média geral (barra de cor se estendendo para a direita) ou abaixo dela (barra para a esquerda); o comprimento da barra indica quanto o grupo difere da média nesse critério. O tamanho dos círculos sobre cada estado é proporcional ao número de homicídios, e sua cor indica a que grupo ele pertence.

- O perfil 4 (círculos amarelos no mapa), que conta nove estados, principalmente do Sul e do Sudeste, está abaixo da média em todos os critérios.
- O perfil 1 (círculos vermelhos no mapa), que agrupa sete estados, está próximo da média, geralmente um pouco abaixo dela, menos para a taxa geral, as vítimas não negras, mulheres e não mulheres negras.
- O perfil 2 (círculos azuis no mapa), de sete estados, dos quais quatro no Nordeste, está abaixo da média para vítimas não negras e mulheres não negras, mas muito acima da média para a taxa geral, as taxas de jovens, homens jovens, negros, mulheres, mulheres negras, uso de armas de fogo e a percentagem, nas mortes, do uso das mesmas. É uma das situações mais preocupantes.
- O perfil 3 (círculo verde no mapa) é específico de um estado, Roraima, que está muito acima da média para vítimas não negras, mulheres e mulheres não negras, ou seja, homens e mulheres principalmente brancos.
- O perfil 5 (círculos cor de rosa no mapa), específico de dois estados, Alagoas e Sergipe, está acima da média em todos os critérios, exceto vítimas não negras e mulheres não negras.

Mapa 3 – Homicídios no Brasil – uma síntese



© Hervé Théry 2017
Elaborado com Philcarto * <http://philcarto.free.fr>

fonte: Cerqueira et. al. (2017).
organização: O autor.

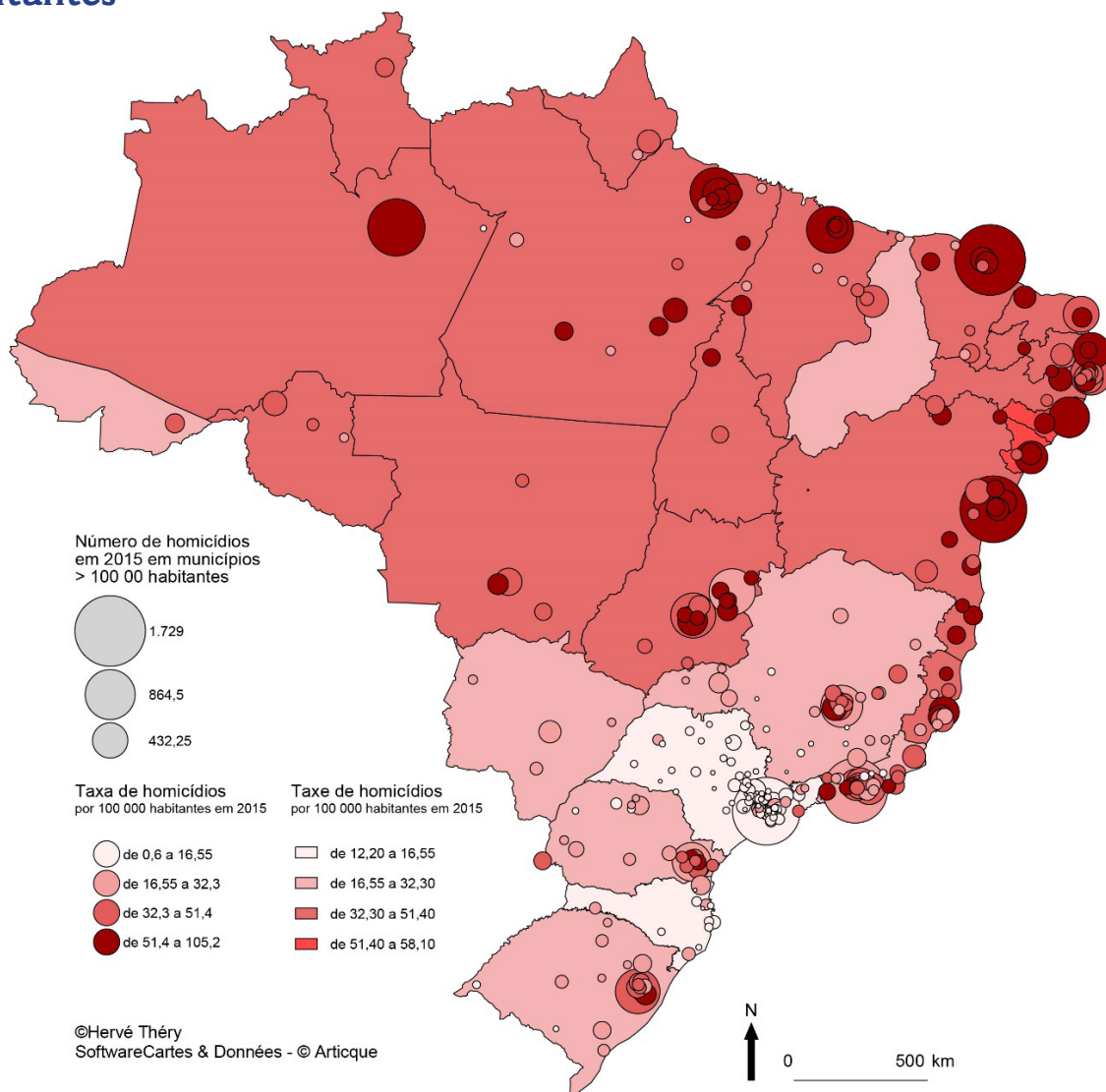
THÉRY, H.

Finalmente, o Mapa 4 reúne dados que estão separados no *Atlas*: as taxas de homicídio por estado e por município de mais de 100 mil habitantes. As gamas de cores que classificam os estados e os municípios em quatro faixas – de intensidade crescente – das taxas de homicídio por 100 mil habitantes foram propositalmente as mesmas (fora os mínimos e máximos), para darem a ver discrepâncias entre a situação geral de cada estado e a de alguns de suas principais cidades (o tamanho do círculo é proporcional ao número de homicídios).

- Em alguns estados, particularmente Santa Catarina e São Paulo, tanto a taxa geral como as das principais cidades são baixas – em relação ao conjunto nacional –, o que se traduz por círculos claros em estados de cores claras (menos de 16,65 homicídios por 100 mil habitantes).
- Uma segunda categoria é formada por estados do Sul e do Sudeste (mais Acre e Piauí), de cores um pouco mais fortes (de 16,55 a 32,30 e de 32,30 a 51,40 homicídios por 100 mil habitantes), onde se destacam cidades com cores mais escuras (acima de 51,4 homicídios por 100 mil habitantes), como nas regiões metropolitanas de Curitiba, de Porto Alegre, de Belo Horizonte e principalmente de Rio de Janeiro.
- A terceira categoria é formada por estados da terceira faixa (de 32,2 a 51,4 homicídios por 100 mil habitantes), todos eles do Norte e do Nordeste, aos quais de junta o Espírito Santo, e dois estados da quarta faixa (mais de 51,4 homicídios por 100 mil habitantes), Alagoas e Sergipe. Nota-se que neles quase todos os principais municípios estão em situações piores ainda, geralmente numa faixa cujo máximo vai muito além do máximo para estados (até 105,2 homicídios por 100 mil habitantes contra 58,10). Se destacam aqui – tragicamente – os casos de Fortaleza, Salvador e Manaus, assim como – numa escala menor – os de Belém, São Luís, Recife e João Pessoa. Fora dos grandes centros próximos do litoral, destacam-se também um grupo de seis municípios situados no “bico do papagaio” e ao longo da Transamazônica, nos confins do Pará, Maranhão e Tocantins.

Exceto neste último caso (região de agudos conflitos fundiário), é obviamente nos municípios mais povoados, e especialmente nas suas periferias mais pobres, que ocorrem as piores situações. O *Atlas* fornece um diagnóstico claro, que os mapas elaborados a partir de seus dados tornam mais evidente ainda. Ambos estão à disposição de autoridades policiais e políticas, de ONG humanitárias e de defesa dos direitos humanos, da mídia e da população, sujeita e vítima constante dessa violência. Sabe-se agora onde se deveriam concentrar os esforços para diminuir progressivamente um nível de violência inaceitável.

Mapa 4 – Homicídios por estado e nos municípios com mais de 100 mil habitantes



fonte: Cerqueira et. al. (2017).
organização: O autor.

Referências

ATLAS da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasília, DF, 5. jun. 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253. Acesso em: 13 set. 2018.

BATISTA, N. **Punidos e mal pagos**. São Paulo: Revan, 1990.

BATISTA, V. M. A juventude e a questão criminal no Brasil. In: MAGALHÃES, J. L. Q.; SALUM, M. J. G.; OLIVEIRA, R. T. (Org.). **Mitos e verdades sobre a justiça infanto-juvenil brasileira**: por que somos contrários à redução da maioridade?, Brasília, DF: CFP, 2015. p. 22-31. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2015/12/CFP_Livro_MaioridadePenal_WEB.pdf. Acesso em: 13 set. 2018.

- BESSION, J.-L. **Les cartes du crime**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.
- CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência – 2017**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 13 set. 2018.
- HOMICIDES intentionnels (pour 100.000 personnes). **La Banque Mondiale**, [s.l.]: 2015. Disponível em: <https://donnees.banquemondiale.org/indicateur/VC.IHR.PSRC.P5>. Acesso em: 13 set. 2018.
- MARZANO, M. (dir.). **Dictionnaire de la Violence**. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.